

# TERRA FEMINA



Carolyn Merchant

Corinne Kumar D'Souza

Maria Mies

Rosiska Darcy de Oliveira

Tereza Santa Clara Gomes

Thais Corral

Vandana Shiva

## ÍNDICE

- Ecofeminismo.....2**  
**CAROLYN MERCHANT** Professora de História Ambiental, Filosofia e ética na Universidade da Califórnia - Berkeley
- O Vento do Sul.....26**  
**CORINNE KUMAR D'SOUZA** Cientista política, pesquisadora do Centro para Educação informal e Desenvolvimento. Faz parte do Grupo Vimochana. Líder do Movimento Pacifista na Índia.
- O Global Está No Local. Uma Perspectiva Ecofeminista.....58**  
**MARIA MIES** Autora dos livros *Women, the last Colony* e *Patriarch and Accumulation on a World Scale*. Professora da Universidade de Colonia, Alemanha.
- As Mulheres e a Natureza: Uma relação Ancestral, Uma nova Aliança.....74**  
**ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA** Escritora, autora dos livros *Elogio da Diferença* e *Le Feminin Ambigu*. Representante do movimento de mulheres brasileiras na ECO 92. Diretora do IDAC.
- Uma Utopia Feminina.....88**  
**TERESA SANTA CLARA GOMES** Deputada no Parlamento Português pelo Partido Socialista, Diretora do GRAAL.
- O Prisma Feminino na ECO 92.....96**  
**THAIS CORRAL** Jornalista, coordenadora da Rede de Defesa da Espécie Humana, membro do Conselho Diretivo do IPAC/WEDO e da Comissão Organizadora do Planeta Fêmea.
- A Semente e a Terra: Mulheres, Ecologia e Biotecnologia.....102**  
**VANDANA SHIVA** diretora da Research Foundation for Science, Technology and Natural Resource Policy, Índia. É também editora-adjunta de *The Ecologist*.

## Uma Utopia Feminina

**N**a sua dupla função de denúncia e anúncio, toda a utopia é, implicitamente, uma voz política. Falar de utopia é, pois, explicar o conteúdo político da utopia, das utopias, que, em diferentes momentos da história deram expressão aos anseios mais profundos das comunidades humanas.

Quer a utopia tome a forma de texto literário ou ideológico, quer a sua expressão seja a das práticas sociais, existe sempre uma relação profunda entre a criação utópica e a experiência de um mal estar, de uma carência, relativamente aos modelos de organização social conhecidos. Assim, todos sabemos:

\* que a República de Platão nasce com a insatisfação causada pelas Guerras do Peloponeso;

\* que as comunidades monásticas medievais surgem como respostas: primeiro à corrupção da vida urbana na Roma imperial, depois às condições de fome, peste e progressiva derrocada da ordem feudal;

\* que a Utopia de Sir Thomas More é,

de algum modo, um grito de protesto contra o individualismo nascente;

\* que as utopias ideológicas dos últimos três séculos - socialismo, marxismo, liberalismo e anarquismo - tiveram origem nos grandes fenómenos sociais que atravessaram a Europa a partir dos tempos modernos;

\* as descobertas científicas e tecnológicas, ao darem aos ocidentais um novo sentido de domínio sobre a natureza e sobre as condições de vida;

\* a urbanização e industrialização, ao introduzirem o conceito de interesses de classe de novos grupos sociais;

\* e o surgimento do moderno estado-nação, de par com a expansão militar gerada pela própria lógica da industrialização.

São as crises sociais abertas pela conjugação de todos estes fenómenos que vão cimentando, progressivamente, no

imaginário social do ocidente, aquilo a que, a partir dos anos 70, se veio a chamar "o mito do progresso".

Em etapas sucessivas, a civilização ocidental acreditou que podia transcender-se linearmente e que, no limite, estava um horizonte de paz e bem-estar acessível a todos.

Caído esse mito, a derrocada das ideologias não se fez esperar. Chegamos aos anos 80 proclamando o vazio e a morte das idéias. Saímos deles assistindo, pasmados, ao desfazer dos sistemas políticos que, de forma mais radical, se tinham proposto converter em prática uma ideologia.

Remetidos a um novo "ponto zero" da história, segundo a expressão feliz de Eduardo Lourenço, cabe perguntarmo-nos que novos vazios nos projectarão para as utopias?

Incluo-me nos visionários que acreditam que é possível descortinar, hoje, no mundo, múltiplas utopias nascentes, formuladas aqui e além por indivíduos e pequenos grupos, que constituem uma verdadeira malha humana, em expansão crescente. E mais: acredito que são essas correntes difusas que trazem às sociedades o dinamismo de mudanças que vem a cristalizar-se em momentos inesperados de viragem histórica.

Os novos actores sociais portadores de uma visão outra da sociedade, nem sempre são identificáveis. Movem-se em "redes" ou áreas de movimento que permanecem submersas na vida de todos os dias. Só vêm à superfície em momentos precisos, quando, de

forma gritante, vêm ameaçadas as causas que os mobilizam (tome-se como exemplo, os grandes movimentos para a paz que atravessaram a Europa nesta última década).

O impacto destas redes na dinâmica social nem sempre é corretamente avaliado. Mas a sua existência tem, em si mesma, uma função simbólica, profética: a de revelar uma insatisfação oculta, a de deslocar os conflitos sociais do sistema tradicional económico/social para o campo cultural, para o espaço das preocupações quotidianas.

Interrogada, por um jornalista sobre as minhas dez primeiras preocupações para os anos 90, vi-me perante uma longa lista de desejos, onde reconheço, em grandes linhas, algumas das questões que hoje habitam esse tecido social difuso. São elas:

- \* o equilíbrio ecológico do planeta;
- \* o encontro entre a ciência e a cultura;
- \* a descoberta de novos modelos de organização política e social;
- \* o reforço da solidariedade entre nações e povos;
- \* a procura de uma nova sabedoria para o mundo.

Seguirei, pois, esses cinco pontos para evocar algumas das idéias e práticas que, implícita ou explicitamente, prenunciam o horizonte remoto de novas utopias.

1. O sonho do regresso à terra mãe é de

sempre. Mas nenhuma época conheceu como a nossa a ameaça generalizada de destruição das condições de vida no planeta.

As consequências do efeito de estufa, a deteriorização progressiva da camada de ozônio, o desaparecimento de mais de metade das espécies do mundo vegetal e animal, convertem a questão ecológica numa questão de sobrevivência para toda a humanidade.

Já não são apenas os cenários assustadores de anti-utopia, a que a ficção científica tem dado forma, a lançar o grito de alerta. E já não são também, unicamente, os pequenos grupos ecologistas e anti-nucleares a darem voz a uma alternativa possível.

Nenhum futuro é viável se não salvarmos os subsistemas de suporte à vida. Por isso, encontram cada vez mais ressonância o discurso e a prática dos que, convencidos de que a sobrevivência do planeta é o grande objetivo por que vale a pena lutar, subordinam as suas escolhas à salvaguarda do equilíbrio ecológico, exprimem nos seus actos quotidianos, a consistência da responsabilidade pela sobrevivência das gerações futuras, procuram vias, quase religiosas, de comunhão com todos os seres criados.

Num outro plano, não menos urgente, a eles se juntam os homens e mulheres da ciência, preocupados em garantir a perenidade e a diversidade dos elementos orgânicos e inorgânicos que sustentam a vida à ecoar

essas preocupações, até a voz do Papa João Paulo II recentemente se fez ouvir, na mensagem de começo de ano para o dia da Paz, subordinado ao tema: "Paz com Deus Criador, paz com toda a criação".

Aos políticos cabe a difícil tarefa de reformular a equação ecologia/economia, em termos que possam traduzir-se em planos nacionais e internacionais de desenvolvimento equilibrado. Infelizmente, as respostas tardam.

Por isso, tudo leva a crer que a questão ecológica continuará a atravessar esta década e permanecerá como uma das grandes utopias do próximo milénio.

2. A par dele, e intimamente associada a qualquer cenário que ela possa revestir, está a **aliança entre a ciência e a cultura**, ou, se preferirmos, a de uma cultura englobante de todos os saberes.

Vivemos hoje a era das grandes visões sistêmicas; da interdisciplinariedade como única aproximação possível do real; da intersectoriedade como forma eficaz de gestão da social; da complexidade como "ciência das ciências" ou "métodos dos métodos", segundo as expressões consagradas por Edgar Morin. Mas estamos ainda longe de uma prática científica e política guiada por esses parâmetros.

Um dos domínios onde a dicotomia entre ciência e cultura se torna mais evidente é o das ciências da vida.

Até há bem pouco tempo, as questões éticas postas pelos avanços científicos, colocavam-se, quase exclusivamente, ao nível das aplicações e consequências das novas descobertas.

Era então difícil estabelecer fronteiras entre ciência e tecnologia e atribuir-lhes sistemas de valores autónomos: enquanto as tecnologias eram consideradas boas ou más, segundo os fins para que eram utilizadas, a ciência era apreciada na sua bondade intrínseca e a sua ética guiada pelo princípio de conhecer sempre mais e melhor.

Com o desenvolvimento das novas ciências da vida, o conhecimento deixa de ser neutro: "conhecer é já intervir", como afirma o filósofo francês Michel Serres.

Se não queremos um universo totalmente aleatório, a ciência terá que subordinar-se a uma nova ética, fruto da recondução do progresso científico à matriz cultural que é a sua. Essa "nova aliança" entre ciência e cultura, antecipada entre outros por Prigogine, é, pois, uma outra utopia que o nosso tempo tem vindo a exigir. Uma das questões fundamentais de toda reflexão sobre Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (ou, se preferirmos, sobre as ações transformadoras do espírito humano sobre a natureza).

3. Não interessa, porém, proteger a vida das possíveis manipulações genéticas aberrantes, se essa mesma vida continuar a não ser nutrida, nas suas condições

essenciais - o pão, o tecto, a saúde, o bem-estar do corpo e do espírito - em quase metade do planeta.

Daí que um terceiro "não lugar" do pensamento social contemporâneo continue a ser o da invenção de **novos modelos de organização política e social**, capazes de proporcionarem a todos os homens e mulheres condições de vida mais justas e mais dignas.

O paradigma de um crescimento económico em ascensão permanente faliu e o fosso das disparidades entre países e no interior de cada país, não faz senão acentuar-se.

Muito se falou, ao longo das últimas décadas, de uma nova ordem económica mundial. Mas talvez só agora, face às grandes transformações que se deram na Europa de leste, os políticos comecem a compreender o nexo fundamental, que existe entre a gestão dos bens e a gestão das liberdades, entre o desenvolvimento e a democracia.

Não nos deixemos enganar por aqueles que, no nosso e em outros países, agitam nos últimos meses a bandeira da vitória dos modelos ocidentais de democracia. Todos os politólogos que refletem à escala do planeta sabem que o modelo de representação parlamentar pluripartidário, tal como o conhecemos, não é necessariamente o único, nem aquele que melhor convirá, provavelmente, às reivindicações de maior participação que vão de par com os avanços da sociedade informacional.

No continente africano discute-se a

articulação das estruturas tradicionais baseadas na senioridade com os novos mecanismos de representação partidária. Na Europa, os movimentos regionalistas tentam, por todos os meios, afirmar os valores das suas culturas no espectro da tomada de decisão a níveis mais amplos.

Veremos nós nascer estes novos modelos de organização política, económica e social? Por enquanto, a sua invenção permanece como horizonte utópico, sonho de uma terra desejada mas não conhecida.

**4. Torna-se, porém, impensável idealizar esses modelos, se não o fizermos à luz de uma nova solidariedade planetária.**

Qualquer que seja o ângulo em que nos situemos, o devir das sociedades contemporâneas inscreve-se num destino comum, a que a comunicação instantânea vem, diariamente, dar consistência.

Sociedades que puderam viver, até às últimas décadas, numa ignorância mútua quase total, vêem-se hoje sujeitas a influências incontroláveis e a uma interdependência cada vez maior.

No plano económico, essa interdependência não precisa já de ser provada: ela tanto se revela nas flutuações da bolsa registradas, simultaneamente, em diferentes continentes, como nas consequências da lei do mercado vividas à escala do planeta; tanto provoca o ascender

do desinvestimento económico, na África, como o reforçar do desenvolvimento por "círculos concêntricos" no Pacífico.

No plano tecnológico, os mecanismos da interdependência são, talvez, mais sutis, mas nem por isso, menos visíveis. A par de um desenvolvimento tecnológico espetacular e da recente expansão de novas tecnologias e novos materiais, reafirma-se o sentido de posse sobre essas tecnologias e acentua-se a dificuldade dos países que mais recentemente foram dotados das infra-estruturas mínimas em recuperar o atraso em que se encontram.

No âmbito do direito internacional, também os problemas postos pela erosão das fronteiras nos confrontam, não só na Europa mas em todos os continentes, com novos espaços de interdependência. Esses espaços começam, geralmente, por ser os de mercados económicos alargados, mas cedo se convertem em realidades mais complexas, onde o próprio conceito de soberania nacional tende a ser equacionado em novos termos. Factos recentes levaram mesmo à discussão, nas últimas semanas, do princípio, até agora inquestionado, da não ingerência nas questões internas de um outro estado.

Quererá isto dizer que poderemos vir a assistir, neste fim de século, a uma reformulação de certas categorias do pensamento político, entre as quais a de Estado-Nação?

Os sinais de interdependência falam por si. O que nos cabe perguntar é em que medida esses sinais apontam, de facto, para

uma nova solidariedade planetária. A interdependência é da ordem dos factos; a solidariedade é da ordem da utopia.

**5. Da ordem da utopia é também e será este o meu último ponto a procura de uma nova sabedoria para o mundo.**

Dessa nova sabedoria pouco tenho a dizer: senão que ela é sabedoria e se situa, portanto, para além do sentimento e da razão, para além mesmo da noção de valor, tal como a desenvolveu a filosofia ocidental.

As vias de sua procura foram, através dos tempos, múltiplas e variadas, segundo as tradições religiosas e culturais em que se inscreveram. No nosso tempo, e porque é planetária a nossa procura, a sabedoria surge como uma "não-lugar" meta-cultural, uma espécie de referência simbólica última que se substitui à própria religião. É esses o sentimento do surto de espiritualidade que, para além das religiões, crenças ou ideologias estabelecidas, parece animar muitos jovens e adultos de hoje.

Há um século, o cientismo e o positivismo pareciam preparar-se para ocupar todo o espaço que, no espírito humano, fora anteriormente ocupado por aspirações à transcendência. Neste fim de milénio, os dados são outros: o movimento científico vê nascer, no interior de si mesmo, a noção do limite e a barreira da consciência da complexidade crescente; os avanços da informática

proclamam a entrada definitiva na "era do imaterial"; as grandes religiões refugiaram-se no integrismo da interpretação literal do seu texto fundador.

Perante isto, resta às sociedades a utopia do retorno à sabedoria primeira, que é a arte de pasmal face ao imenso, ao ignorado, ao insondável mistério que ritma o devir do universo.

A última e grande utopia foi sempre, e continuará a ser, a do retorno à simplicidade das coisas.

**O que querem e o que podem as mulheres:** Apesar de todos os entraves à visibilidade da sua intervenção, as mulheres sabem que **são, podem e devem ser** sujeitos activos e agentes decisivos das transformações e inovações necessárias, da introdução de novas aspirações e comportamentos, de busca do novo paradigma científico e tecnológico que orientará - como condição de sobrevivência - as escolhas do próximo século.

Nos anos 70 e 80, coube aos movimentos de mulheres a reivindicação dos seus direitos e a luta pela igualdade de acesso à educação, ao trabalho e à dignidade de vida.

Hoje, os movimentos de mulheres querem mais: querem participar; querem intervir activamente na mudança social e cultural; querem ousar ser diferentes e **fazer ouvir a voz da diferença** nos lugares e posições que, muitas vezes a pulso de ferro, souberam conquistar.

Estudos recentes confirmam certos aspectos da identidade e da situação das

posições que, muitas vezes a pulso de ferro, souberam conquistar.

Estudos recentes confirmam certos aspectos da identidade e da situação das mulheres que se revelam hoje fundamentais para uma nova abordagem da equação ambiente/desenvolvimento:

\* as mulheres foram, durante muito tempo, identificadas com a **natureza**: eram olhadas com desconfiança, porque a sua sabedoria se situava naquela zona obscura das forças naturais que o poder masculino nem sempre conseguia domar... Hoje, esse "handicap" é olhado como uma vantagem: as mulheres militam na vanguarda dos movimentos ecológicos, e têm-se revelado portadoras de um discurso próprio, propondo como alternativa ao deturpado paradigma bíblico do "domínio sobre a terra" um paradigma novo de solidariedade e comunhão;

\* do mesmo modo, às mulheres sempre foi reconhecida uma relação própria com o **futuro**: são elas, como mães, as principais responsáveis pela continuidade das gerações, pela salvaguarda da vida, pelo bem-estar dos filhos dos seus filhos. Ora, se assim é, não terão as mulheres uma autoridade acrescida para falar em nome das gerações futuras?

@ é, aliás, curioso notar que a própria atribuição às mulheres de aptidões particulares para o **cuidado** e para a **responsabilidade pelos outros seres** - virtudes que, através dos tempos, foram um apanágio dúbio da feminilidade - está hoje a ser revalorizada, quando não exigida, pelos movimentos de defesa da paz e do ambiente.

Não é, por isso, de estranhar que, cada vez mais, as mulheres assumam como **trunfos históricos** capacidades suas que no passado foram genericamente menosprezadas - para não dizer ridicularizadas. Elas sabem que a vida as aproximou, por dentro, da "ridicularidade do real" que as teorias da complexidade hoje proclamam. A sua capacidade de dar atenção a muitas coisas ao mesmo tempo, de atender aos múltiplos aspectos do quotidiano, poderão vir a traduzir-se na ciência e na gestão política, em novas formas de interligar fenômenos, de estabelecer conexões, de identificar articulações entre problemas.

Porque as mulheres se movimentam nas "interfaces" do real; porque os seus universos são, simultaneamente, o privado e o público; porque elas experimentam as **margens** como lugar de comunicação entre realidades diferentes - as mulheres têm hoje uma consciência crescente de representar, na sociedade, um **potencial inexplorado e inédito** de que o futuro não pode prescindir. Poderá isto parecer exagerado quando

a enormidade dos problemas com que nos confrontamos nos deixa a todos - homens e mulheres - com um sentimento crescente de impotência. A aposta das mulheres é, no entanto, de grande ousadia.

No "Congresso Mundial das Mulheres para um Planeta São", que teve lugar na Flórida, de 8 a 12 de novembro, as 1.500 participantes, de 83 países, formularam a sua **agenda para o século XXI**. Nessa agenda, as mulheres afirmam, de forma inequívoca, a sua vontade e a sua determinação, exigindo das instâncias competentes:

\* que os documentos finais do Congresso do Rio incluam declarações sobre "o impacto do militarismo no ambiente, no desenvolvimento e na humanidade e proponham medidas para a transferência dos vastos recursos militares existentes no mundo para programas positivos que reforcem a vida".

\* que as Nações Unidas e os Governos re-examinem a dívida dos países pobres em relação ao hemisfério Norte, introduzindo, como contraponto, a noção de **dívida ecológica** do Norte em relação ao Sul - dívida relativa à exploração dos recursos naturais daqueles países desde 1945 e, sobretudo, à elevada percentagem com que os países industrializados contribuem para o aquecimento do clima, para a

diminuição das espécies biológicas e para a poluição do ar, da água e do solo.

\* que os Estados e os povos se empenhem na elaboração de uma perspectiva global do desenvolvimento, tendo como referência absoluta a **defesa da vida** e dos sistemas que a sustentam - numa lógica mais cooperativa do que competitiva, mais interdependente do que protecionista, baseada em critérios de **justiça planetária** e não no eufemismo da "ajuda externa".

O que as mulheres querem, afinal, é ver reconhecidos como direitos humanos básicos o **direito ao ar puro**, à **água potável**, à **terra fértil** e viver num planeta onde a confiança no futuro possa ser preservada.

Cada vez mais, em todos os continentes, as mulheres se mostram prontas e preparadas para defender essa confiança. Possam elas dispor da margem de intervenção necessária para que a sua vontade se converta na certeza de um futuro melhor.